

AUTOR

**Cleber Eduardo
Karls***

cleber_hist@
yahoo.com.br

* Doutor em História
Comparada pela
Universidade Federal do
Rio de Janeiro (UFRJ,
Brasil). Professor da
Universidade Veiga de
Almeida (UVA, Rio de
Janeiro, Brasil).

“Crescido concurso de povo correu a presenciar o útil e viril divertimento”: regatas, clubes e relações étnicas na Porto Alegre oitocentista (1877-1895)

“Crecida concurrencia de personas corrió a presenciar la valiosa y viril diversión”:
regatas, clubs y relaciones étnicas en la Porto Alegre decimonónica (1877-1895)

“Great competition of people ran to view the valuable and virile amusement”:
regattas, clubs and ethnic relations in Porto Alegre in the nineteenth century
(1877-1895)

RESUMO

No contexto do desenvolvimento esportivo brasileiro, as competições ligadas a práticas onde a água é o palco privilegiado, estão associadas a uma nova postura acerca da saúde e do corpo, onde estão envolvidas as condições de saneamento e a valorização da higiene enquanto promotora da salubridade. Este enredo de ressignificações valorizou a própria orla e todo o seu entorno, onde os banhos passaram a ter legitimação médica a medida em que foram encarados como atividades saudáveis e recomendadas. Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, estas premissas ratificaram o amplo desenvolvimento de práticas que conjugavam fatores tidos como salubres. Com efeito, a cidade de Porto Alegre, capital estadual mais austral do Brasil, tem na sua história uma íntima relação com as águas. Objetivamos, neste artigo, apontar aspectos iniciais da formação dos esportes aquáticos em Porto Alegre e a sua consequente institucionalização em clubes, além da sua relação com uma indústria do entretenimento em formação e expansão. Buscamos problematizar as particularidades locais que tiveram destacada relevância no cenário de Porto Alegre no período oitocentista, entre elas o embate de caráter étnico. Para esta análise utilizamos como fonte os periódicos publicados na cidade no período em tela.

RESUMEN

En el contexto del desarrollo deportivo brasileño, las competiciones vinculadas a las prácticas donde el agua constituye el escenario privilegiado, están asociadas a una nueva postura sobre la salud y el cuerpo, en la que están involucradas las condiciones de saneamiento y la valoración de la higiene como promotora de la salubridad. Esta maraña de resignificaciones valorizó la propia orla marítima y todo su entorno, donde los baños pasaron a tener legitimación médica en la medida en que pasaron a ser vistos como actividades saludables y recomendadas. Especialmente a partir de la segunda mitad del siglo XIX estas premisas ratificaron el amplio desarrollo de prácticas que conjugaban factores considerados salubres. En efecto, la ciudad de Porto Alegre, capital estatal más austral de Brasil, ha mantenido a lo largo de su historia una íntima relación con el agua. Nuestro objetivo, en este artículo, ha sido apuntar aspectos iniciais de la formación de los deportes acuáticos en Porto Alegre y su consecuente institucionalización en clubs, además de su relación con una industria de entretenimiento en formación y expansión. Buscamos problematizar las peculiaridades locales que tuvieron destacada relevancia en el escenario de Porto Alegre en el período decimonónico, entre ellas el enfrentamiento de carácter étnico. Para este análisis utilizamos como fuente los periódicos publicados en la ciudad en el período en estudio.

ABSTRACT

In the context of the Brazilian sportive development, the competitions connected to the practices in which water is the main stage, are related to a new attitude regarding health and the body, and there is an involvement between the sanitary conditions and the appreciation of hygiene as promoters of salubrity. This redefinition plot valued its waterfront and surroundings, in this way baths started to have medical legitimation as soon as they were faced as healthy and recommended activities. Especially since the second half of the 19th century these premises ratified the wide development of practices that combined factors considered salubrious. In effect, Porto Alegre city, the state capital located in southern Brazil, has in its history an intimate relation with water. It is aimed, in this article, to point the early aspects of water sports formation in Porto Alegre and its consequent institutionalization in clubs, aside from its relation to an entertainment industry in formation and expansion. Discussing the local peculiarities that had important relevance in the Porto Alegre scenario in the 19th century, among them the conflict of ethnic character. For this analysis we used as a source the newspapers published in the city in the period on screen.

No contexto do desenvolvimento esportivo brasileiro, as competições ligadas a práticas onde a água é o palco privilegiado, estão associadas a uma nova postura acerca da saúde e do corpo, onde estão envolvidas as condições de saneamento e a valorização da higiene enquanto promotora da salubridade. Este enredo de ressignificações valorizou a própria orla e todo o seu entorno, onde os banhos passaram a ter legitimação médica a medida em que foram encarados como atividades saudáveis e recomendadas. Até mesmo inéditas compreensões estéticas tem relação com estas ideias que valorizavam distintos padrões de salubridade. Corpos musculosos devido aos exercícios e formas de vestir que se tornaram mais leves de acordo com as demandas dos remadores contribuíram para uma mudança de paradigma em relação a estética da época. Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, estas premissas ratificaram o amplo desenvolvimento de práticas que conjugavam fatores tidos como salubres. Estas variáveis se convergiam nos esportes náuticos e as grandes *urbes* do Brasil se tornaram centros de desenvolvimento destas atividades que eram sinônimos de evolução e civilização (Del Priore & Melo, 2009).

A cidade de Porto Alegre, capital estadual mais austral do Brasil, tem na sua história uma íntima relação com as águas. Banhada pelo rio Guaíba¹, a principal povoação do Rio Grande do Sul cresceu e se desenvolveu às margens deste curso que a liga por rota fluvial a Lagoa dos Patos e ao oceano Atlântico. Neste cenário, o desenvolvimento do campo esportivo porto-alegrense também tem nesta vinculação uma forte característica, associada a outras peculiaridades regionais que trataremos neste texto (Karls, 2017).

Objetivamos, através deste artigo, apontar aspectos iniciais da formação dos esportes aquáticos em Porto Alegre e a sua conseqüente institucionalização em clubes, além da sua relação com uma indústria do entretenimento em formação e expansão. Buscamos problematizar as particularidades locais que tiveram destacada relevância no cenário de Porto Alegre no período oitocentista. Além destas questões, propomos a análise de um intenso debate ocorrido no ano de 1895 que esteve em destaque na imprensa da época, cujo principal motivador foram aspectos de caráter étnico pertinentes a configuração dos clubes da capital do Rio Grande do Sul. O recorte temporal se dá no ínterim que compreende a primeira notícia vinculada na capital sulista a realização de uma pioneira competição de remo denominada “simulacro de regatas” (1877) e o mencionado imbróglio envolvendo os clubes de regatas porto-alegrenses em 1895.

Para esta análise utilizamos como fonte os periódicos publicados na cidade no período em tela, especialmente *A Federação*, *A Reforma*, *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Commercio* e *O Conservador*. Temos ciência dos limites desse material no tocante ao entendimento do que ocorria na *urbe*. Contudo, nos estimulou o fato de que a imprensa era importante arena pública na qual se esgrimiam posicionamentos diversos sobre o cotidiano citadino, os esportes, o lazer, e as relações étnicas, bem como se veiculavam informações sobre novidades que se conformavam numa capital que passava por rápidas mudanças, entre as quais a melhor estruturação de alternativas públicas de entretenimento nas quais as regatas estavam inseridas (Karls, 2017)².

1. Um simulacro de regata

A prática de regatas em Porto Alegre anteriormente a sua institucionalização em clubes e associações, recebera apoio de distintas entidades, que as incentivavam e animavam. No caso do Rio Grande do Sul, foi em 1865 a primeira disputa de que tivemos notícia na história do desporto gaúcho. Esta foi realizada na cidade de Rio Grande, em 16 de julho, data da chegada

PALAVRAS-CHAVE
História; Regatas;
Esportes; Porto
Alegre; século XIX

PALABRAS CLAVE
Historia; regatas;
deporte; Porto
Alegre; siglo XIX

KEYWORDS
History; Regattas;
Sport; Porto
Alegre; 19th
Century.

Recibido:
19.04.2018

Aceptado:
31.07.2018

do Imperador D. Pedro II a então província (Cruz, 1865, p. 13). A competição, denominada "Regata Imperial", aconteceu em homenagem ao monarca por ocasião da sua passagem pela província sulista, que era um dos principais palcos da Guerra do Paraguai, que acontecia naquele momento. O cronista oficial da viagem, Gervásio José da Cruz, relatou que "fora frenético o entusiasmo com que os Rio-Grandenses receberam o seu monarca", que se satisfiz com tamanha demonstração de carinho. "Não consentiu Sua Majestade o Imperador malgrado as mais instantes supplicas das autoridades, e de notáveis cidadãos da província, que se lhe fizesse ruidosa recepção, como aliás era desejo dos Rio-Grandenses" (Cruz, 1865, p. 14).

No caso de Porto Alegre, percebemos que a prática conquistou espaço nas páginas dos periódicos pouco mais de uma década após a "Regata Imperial". O evento registrado na cidade e que parece ser a preparação para o início da prática regular de regatas, foi o acontecimento denominado um "simulacro de regata", que se realizou no ano de 1877, na capital do Rio Grande do Sul. Os anúncios do *Jornal do Commercio*, de 16 de fevereiro, e d' *A Reforma*, de 17 do mesmo mês, fizeram o chamado aos interessados em "tomar parte da diversão", que se realizaria no domingo próximo, dia 18, e destacou que a oficialidade da canhoneira Henrique Dias promoveria a realização de um simulacro de regata para o próximo domingo "entre os escalares dos navios de guerra, capitania e arsenal de guerra".

Na edição de *A Reforma*, de 20 de fevereiro de 1877, uma descrição foi feita sobre o "simulacro". De acordo com o periódico, a regata foi organizada quase que exclusivamente pelos oficiais da canhoneira Henrique Dias, em uma tarde excelente onde "crescido concurso de povo correu a presenciar o útil e viril divertimento"³. Além da competição em si, outros atrativos, que se relacionavam à disputa e que agregavam valor de entretenimento e espetáculo, foram mencionados, como duas bandas de música que "enchiam o espaço de alegres acordes". Também foi ressaltado que o interior da canhoneira estava repleto de convidados de ambos os sexos, e foi o lugar onde a festa correu mais animada.

Percebe-se que houve o interesse do jornal em apoiar o desenvolvimento das regatas em Porto Alegre, apontando para a tendência da valorização da água e dos exercícios físicos. O periódico declarou que

(...) a feliz tentativa deixa, pois, as melhores impressões. Bom seria, por conseguinte, que esta proveitosa diversão se aclimasse entre nós e que a nossa mocidade voltasse também para ai o seu entusiasmo e a sua atividade, desbaratados quase totalmente na moleza dos bailes (*A Reforma*, 20/02/1877, p. 3).

O incentivo ao desenvolvimento das regatas, inclusive com o desejo da fundação de um clube, se agregou à declaração da existência de uma boa estrutura física disponível, que propiciaria a execução dessa atividade, com o argumento de que "o porto oferece excelentes campos para a luta". O jornal continuou pregando a favor das regatas, quando declarou que seu desejo é que fosse constituído um clube de regatas, como já se constituiu um clube de caçadores, e outro de atiradores: "adquiram-se embarcações apropriadas; adestrem-se os amadores que o sucesso não será difícil". A esta declaração ainda se agregou que "estes prélios pacíficos, viris, elevam o homem" (*A Reforma*, 20/02/1877, p. 3).

No mesmo dia 20 de fevereiro de 1877, desta vez no *Jornal do Commercio*, a declaração foi de que "uma grande concorrência de espectadores acudiu a todos os pontos do litoral, donde podiam presenciar tão aprazível diversão". Na edição seguinte, do dia 21 de fevereiro de 1877, do mesmo periódico, foi feito um relato mais detalhado das disputas, sublinhando novamente a grande presença de público, valorizando o feminino. O *Jornal do Commercio* seguiu a campanha para que a prática de regatas fosse desenvolvida em Porto Alegre. A sua esperança era que o êxito do evento animasse a população ao repetir outras vezes essa disputa, "sendo de esperar que o gosto por esta útil e agradável diversão se desenvolva ao ponto de organizar-se regularmente, como no Rio Grande, um clube de regatas" (*Jornal do Commercio*, 21/02/1877, p. 2).

De fato, diversas variáveis apontadas pela

imprensa ratificavam que Porto Alegre seria um ambiente propício ao desenvolvimento de clubes de regata. É notável o interesse no espraiamento do esporte na capital do Rio Grande do Sul. As práticas ligadas às competições náuticas teriam terreno profícuo a sua prosperidade, fazendo do Rio Guaíba seu principal palco. Dessa forma, seguindo uma tendência ao que já estava acontecendo na capital brasileira⁴, esse esporte, gradativamente, assumiu lugar de destaque na predileção da população dessas duas cidades. O caráter “útil” das competições de regatas, que se pode ler como uma atividade saudável e ordeira, estava presente no que acontecia no Rio Guaíba. Com efeito, a imprensa local concatenava às tendências da época e proferiu importantes discursos para a consolidação desta prática em Porto Alegre, que, com destaque, se desenvolveu com clubes e associações, como veremos.

2. Os clubes de regatas

Através dos periódicos publicados em Porto Alegre, foi possível perceber a organização das regatas em clubes somente a partir da década de 1880. Foi mencionado no jornal *A Federação*, de 11 de junho de 1884, que publicou uma declaração destacando que, no dia 10, houve uma reunião no Clube Comercial, ficando organizado o *Club de Regatas Porto-Alegrense*. Essa seria a primeira agremiação da cidade dedicada a essa prática. Para o jornal, Porto Alegre iria “gozar de mais uma diversão, que, sendo agradável, tem o seu lado de grande utilidade” (*A Federação*, 11/06/1884, p. 3).

Após essa notícia, não temos mais nenhum registro de atividades realizadas pela entidade até outubro do ano seguinte. O *Club de Regatas Porto-Alegrense*, por meio do jornal *A Federação*, nas edições de 17 e 30 de outubro de 1885, anunciou as regatas que se realizariam no dia 6 de dezembro de 1885, que faziam parte dos festejos comemorativos ao 7º centenário da morte de D. Afonso Henriques, considerado o fundador do reino de Portugal e o seu primeiro rei. Nos dois comunicados, não tivemos muitos detalhes sobre a programação, apenas a previsão de seis corridas e pequenas instruções quanto à inscrição

de interessados.

Maiores detalhes dessa regata foram mencionados na véspera do evento. A programação do dia iniciaria com uma grande alvorada festiva, às 4 horas da madrugada, com uma salva de 21 tiros. Na Praça Pedro II (atual Marechal Deodoro, conhecida popularmente como Praça da Matriz), quatro bandas tocariam os hinos português e nacional brasileiro e, em seguida, sairiam em desfile pelas ruas Duque de Caxias, Arroio, Riachuelo, até em frente ao consulado português, onde tocariam o respectivo hino. Por fim, iriam até a Praça da Alfândega, para então se dispersar. As regatas iniciariam às 9 horas da manhã. À programação, se acrescentaria, ainda, um sarau filarmônico-literário e um baile na parte da noite do dia 7 (*A Federação*, 05/12/1885, p. 3). Na edição seguinte à festividade, *A Federação* destacou: “o que mais interesse despertou foi a diversão das regatas no Guaíba” (*A Federação*, 07/12/1885, p. 3), o que demonstrara grande gosto pela atividade do remo em meio a esse grande leque de possibilidades.

As regatas continuavam sendo celebradas. Infelizmente, não temos como saber ao certo a sua regularidade devido à inconstância de informações nos periódicos. No entanto, o desenvolvimento de clubes com essa proposta seguiu, sendo que, em 21 de novembro de 1888, se deu a fundação de mais uma agremiação destinada ao remo, o *Ruder Club* ou *Clube de Remo*. Na imprensa da época, a iniciativa foi celebrada. O jornal *O Conservador*, de 24 de novembro de 1888, informou sobre a apresentação do regulamento da nova agremiação, assim como a exposição dos planos para o seu desenvolvimento. Além disso, esse militava a seu favor, destacando que “tão útil e agradável distração há de encontrar apoio, e é justo que a mocidade de Porto Alegre que fica convidada para aquela reunião, não deixe de concorrer para o bom êxito da sociedade” (*O Conservador*, 24/11/1888, p. 2). O mesmo periódico declarou que, no dia três de dezembro de 1888, aconteceu a primeira disputa sob responsabilidade do *Ruder Club*, sendo que o evento teria atraído grande público, com destaque para a relevante quantidade de famílias (*O Conservador*, 04/12/1888, p. 2).

No ano seguinte, 1889, mais um novo clube de regatas celebraria a sua inauguração, o *Ruder*

Verein Germânia. As festividades de abertura das atividades aconteceram nos dias 13 e 14 de julho, sendo seu quadro social composto por "distintos moços empregados no comércio". Na programação do dia 13, constava a entrega de estandarte e baile comemorativo à noite. Já no dia 14, o ponto alto das comemorações seria o batismo de duas embarcações, *Gig* e *Outrigger*, vindas diretamente da Europa. Ainda, vapores estiveram à disposição para um passeio à Ilha da Pintada, que finalizaria os festejos (*A Federação*, 10/07/1889, p. 3). Numa descrição posterior às funções, se percebeu que um discurso em alemão foi proferido, enunciado pelo senhor Fernando Iagwersen, posterior à declaração feita pelo senhor Carlos Otto Schilling, que oficializou a inauguração do clube. Esse detalhe demonstrava a intimidade dos sócios com a língua, o que pode destacar a origem da maioria dos seus agremiados (*A Federação*, 15/07/1889, p. 3).

O próprio nome das entidades remetia a uma vinculação teuto-brasileira, já que, "Ruder Club" e "Ruder Verein Germânia" são termos alemães que, em livre tradução, significam "Clube de Remo" e "Clube de Remo Germânia". Essa característica, inclusive, causou vários conflitos onde a origem étnica foi a principal causa das desavenças. Essas rusgas, que aconteceram nos clubes porto-alegrenses, serão discutidas no próximo ponto deste artigo.

Neste contexto, Porto Alegre possuía uma peculiaridade marcante na constituição e ampliação das práticas corporais e dos esportes. Havia uma característica que era um diferencial no desenvolvimento esportivo e, conseqüentemente foi destacado no caso das regatas: os imigrantes alemães e seus descendentes.

Esses europeus deixaram sua marca em Porto Alegre desde 1824, quando começaram a desembarcar do velho continente a partir de um projeto imigratório constante, promovido, principalmente, pela coroa e pela província. Os imigrantes eram atraídos através de uma política de incentivos que visava, entre outros objetivos, o povoamento e exploração de novas regiões no Brasil por brancos não portugueses (Roche, 1969).

Esses colonos conquistaram uma fatia expressiva da economia sulista, configurando-se como "personas do capital", segundo a definição de Sandra Pesavento (1994, p. 200). Para a historiadora, foram esses negociantes que possibilitaram a acumulação de capital necessário ao princípio da industrialização gaúcha, assim como nas demais áreas de colonização, onde eram os comerciantes das vendas localizadas junto aos lotes, das casas comerciais no entroncamento das linhas e nos núcleos coloniais. No entanto, para além das questões econômicas, pode ser creditada aos alemães uma relação mais enfática de Porto Alegre com as ideias de modernidade, como aponta Pesavento:

Executores de um processo de modernização, os alemães propiciaram as condições para que a experiência histórica da modernidade se generalizasse e se difundisse entre os consumidores dos efeitos da modernização. De forma indireta, as práticas efetivas dos alemães e seus descendentes acabaram por gerar uma atitude de modernidade (Pesavento, 1994, p. 200).

Dessa forma, enquanto um dos promotores na geração de "uma atitude de modernidade", os alemães tiveram fundamental importância no surgimento dos clubes de regatas em Porto Alegre (sem falar nas demais modalidades e agremiações), sendo eles ou seus descendentes os principais fundadores dessas associações, no século XIX, na capital gaúcha. Basta, para isso, verificarmos os nomes dos fundadores dos clubes de regatas em Porto Alegre, no período oitocentista.

No caso da primeira entidade que temos referência, o *Club de Regatas Porto-Alegrense*, não percebemos como característica o sobrenome alemão nos membros da sua primeira diretoria⁶. Por outro lado, foi possível identificarmos uma possível referência teuto-brasileira devido às festividades já mencionadas realizadas no dia seis de dezembro de 1885 em homenagem a D. Affonso Henriques. A relação de entidade junto à comunidade portuguesa é provável. Todavia, a partir desta documentação colhida, essa premissa não pode ser comprovada peremptoriamente.

Todavia, identificamos a referência teuta como sendo uma marca bastante forte nos outros dois clubes de regatas existentes em Porto Alegre, no século XIX. É o que podemos verificar no *Ruder Club*, que tem como fundadores: Alberto Bins, Balduino Röhrig, Fernando Ingwersen, Otto Hasche, Gustavo Knoblauch, Luiz Voelcker, Carlos Goeden, Oscar Teichmann, Júlio Issler Filho e Frederico Engel, além dos membros da primeira diretoria: Alfredo Schuett (presidente); F. Ingwersen (vice-presidente); Júlio Issler Jor (primeiro secretário); John Day (segundo secretário); Luiz Köhler (tesoureiro), H. V. Schwerin (zelador) (Mazo, 2012, p. 63). Da mesma forma, o *Ruder-Verein Germania* também seguiu essa característica e destaca, como fundadores desportistas de sobrenome alemão, Carlos Endler, Cristiano Bohrer, Germano Wetter, Oscar Heller, Walter Stosch, Kurt Wetter e Edgar Barth. (Mazo, 2012, p. 66).

Isto posto, a modernização e a valorização da água, do corpo sadio e dos exercícios são paradigmas comuns ao remo. No entanto, características locais se agregam a esses princípios, que determinaram às regatas significações diferenciadas em contextos divergentes. Porto Alegre teve, no caráter associativista dos seus habitantes, fator diferencial. Entre os europeus, em especial os alemães, essa propensão ao desenvolvimento de agremiações culturais e esportivas facilitou a criação dos clubes de regatas. Os teuto-brasileiros assumiram, portanto, parcela significativa do campo esportivo na capital do Rio Grande do Sul.

3. Dos conflitos e relações étnicas no remo

O fato de os clubes de regatas de Porto Alegre terem, no seu quadro societário, uma fatia expressiva de alemães, ou mesmo teuto-descendentes, criou, por vezes, conflitos em que a questão esportiva se alinhava à referência étnica. Havia opiniões antagônicas que traziam à tona inúmeras características divergentes entre os “alemães” e os “brasileiros”. É importante mencionar que, quando os jornais porto-

alegrenses se referiam aos “alemães” no século XIX, poderiam estar fazendo menção tanto àqueles que propriamente nasceram na Alemanha, e chegaram ao Brasil como imigrantes, como aos descendentes desses, os teuto-brasileiros, que mesmo tendo o Brasil como nacionalidade, conservavam consigo a identidade europeia de seus antepassados e suas relações pessoais.

É o que Giralda Seyferth (1994) destaca quando aborda que, ao mesmo tempo em que se reivindicava a participação dos colonos no processo político, qualificando-os como cidadãos, estes afirmavam suas diferenças em relação aos “brasileiros”, através do postulado da germanidade, criando identificações próprias, como uma comunidade étnica:

A formulação ideológica de uma comunidade étnica teuto-brasileira partiu, pois, da própria visibilidade das diferenças sociais e culturais em relação à sociedade brasileira mais ampla; diferenças associadas à colonização e à conservação dos costumes e tradições trazidas da Alemanha. Ao falar em comunidade estamos preservando um termo valorizado na ideologia étnica teuto-brasileira em muitos planos, e cujo corolário mais óbvio é o privilegiamento do coletivo. Comunidade étnica, neste sentido, substitui o termo grupo étnico, e sua percepção se aproxima bastante das definições mais tradicionais, que ressaltam usos e costumes comuns como base das diferenças. A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, etc.), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as associações de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo) (Seyferth, 1994, p. 15).

De fato, através dos relatos jornalísticos, podem ser verificadas uma série de peculiaridades relativas às questões esportivas com relação à

etnicidade. O esporte, nesse momento, seria um tradutor das tensões sociais da Porto Alegre do final do século XIX, que demonstrava suas contradições e divergências. Uma cidade colonizada por povos de diversas origens. No entanto, os esportes eram atividades em que os alemães e seus descendentes tinham participação privilegiada e, talvez por isso, essas apreensões se redimensionassem ali.

Alguns dos desportistas de origem teuta tinham participação destacada no cenário esportivo da cidade. Para citar alguns casos, basta perceber que os mesmos fundadores do *Ruder Verein Germânia* também foram os pioneiros do *Radfahrer Verein Blitz*, clube de ciclismo contemporâneo ao de regatas. Relevante participação também tiveram os germânicos na fundação da Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), a *Deutscher Turnverein*, em 1867. Esta relação cultural acontecia em praticamente todas as atividades esportivas e corporais que se realizavam na cidade. Existia até mesmo um cavalo de destacada expressão no turfe porto-alegrense que adotava o nome de Bismarck, em homenagem ao importante personagem da história da Alemanha (Karls, 2017).

Uma crônica publicada no jornal *Gazeta da Tarde*, em 31 de agosto de 1895, assinada por G.H., que acreditamos ser Germano Hasslocher, redator do mesmo jornal e filho de imigrantes alemães⁷, colabora no sentido de trazer muitos indícios dessas relações que percebemos ser tensas em vários momentos.

O texto aponta que o Clube de Regatas (*Ruder Verein*) foi fundado em 1887⁸ por brasileiros de origem alemã, assim como por alguns alemães natos. Legalmente, esse seria um clube sem uma identificação étnica definida, mesmo que nos seus encontros o idioma habitual fosse o alemão. De qualquer forma, a publicação destacou que todos eram aceitos na agremiação, independentemente da sua origem, a qual nem era cogitada, segundo o jornal. O articulista ainda ratificava a ideia da disposição associativista e esportiva dos germânicos que participavam do clube, que, segundo ele, tinha nos alemães os principais interessados, “conhecidas como são as tendências dos mesmos para todos os esportes

que fortalecem e desenvolvem os músculos” (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 3).

De acordo com o periódico, o conflito iniciou quando a entidade se negou a participar dos festejos de 15 de novembro de 1894, dia comemorativo à proclamação da república brasileira, alegando que um artigo dos estatutos vetava ao clube intervir em qualquer manifestação de caráter político. O problema se deflagrou em primeiro de abril de 1895, por ocasião do aniversário de Otto Von Bismarck, considerado o estadista mais importante da Alemanha no século XIX, sendo um dos principais responsáveis pela unificação do país.

Nessa data, as sociedades alemãs em Porto Alegre resolveram felicitar, por telegrama, aquele que nomearam como sendo “o grande chanceler de ferro”, e pediram ao Clube de Regatas que se associasse a essa manifestação. Tal pedido foi negado, pois estaria em desacordo com o mesmo artigo que o proibira de tomar parte nos festejos de 15 de novembro. Esse ato desapontou profundamente os sócios alemães, que, prontamente, sustentaram a ideia de torná-lo um clube exclusivamente germânico. Tanto interviram que ocorreu uma votação que tratou de modificar os estatutos, como destacou a *Gazeta da Tarde*: “depois de renhida luta, por uma maioria de quatro votos, contados nela os votos de doze brasileiros, venceu a ideia e o Clube de Regatas, de internacional que era passou a ser alemão” (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 3).

O jornal tentou explicar a decisão, ao contextualizar a origem do clube, destacando que “os alemães eram a alma do Clube de Regatas”, e que o sentimento na associação era o mesmo. O periódico tentou justificar ainda mais a deliberação tomada em solo brasileiro de se ter um clube exclusivamente formado por sócios alemães (alemães e teuto-brasileiros, na verdade), listando uma série de razões que os fizeram tomar tal resolução. O jornalista G.H., que não havia tomado um posicionamento aberto até então, fez uma apologia acerca das vantagens da influência alemã, entre as quais o desenvolvimento racial e cultural. Para ele, os benefícios influenciavam até mesmo os teuto-descendentes, que seguiriam a cultura germânica em Porto Alegre em detrimento da portuguesa, conscientes da sua vantagem:

Os próprios teutos, brasileiros incondicionais como são por efeito da hereditariedade e da educação, seguem mais os costumes alemães, o que é muito explicável e indiscutivelmente vantajoso para nós, pois, não resta a menor dúvida que além da vantagem do aperfeiçoamento da raça, ganhamos mais a da introdução dos costumes que fizeram o grande povo vencedor em 70 e 71^o (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

Novas justificativas do articulista apresentavam cada vez mais argumentos àquele ato. Para ele, essa decisão seria quase que natural e totalmente aceitável, visto que “ninguém poderia contestar que, internacional como era o Clube de Regatas, o sentimento ali dominante era o alemão e isto muito justamente” (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

Diferentemente, a partir do próximo parágrafo, G.H. relativizou o seu posicionamento em relação à germanização da entidade, parecendo se colocar contrário ao feito. Ele destacou que “a exigência de nacionalizar o clube foi uma injustiça, uma ofensa ao nosso amor próprio, tanto que mais para esse resultado concorreram brasileiros que são brasileiros por que assim quiseram um dia” (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

Além disso, o jornalista acusou esses “alemães” de serem oportunistas. Para G.H., os sócios do Clube de Regatas, que votaram pela germanização, utilizavam essa cidadania quando lhes fosse mais cômodo, já que, para ele, muitos se naturalizaram brasileiros para gozar dos benefícios da posição. Também denunciou que muitos brasileiros, nascidos em Porto Alegre e que passaram longos períodos na Alemanha, lá se diziam brasileiros para escaparem do serviço militar, e aqui no Brasil reivindicavam sua origem alemã, “que parecem amar quando isentos das obrigações do patriotismo” (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

O jornal ainda denunciou que os negociantes sócios do Clube de Regatas pressionaram seus caixeiros, também sócios, a votarem a favor da nacionalização, mesmo contra sua vontade. Segue, dessa forma, a denúncia, pelo periódico,

das vantagens obtidas pelo *Ruder Vereim* por ser um clube brasileiro, aberto a todas as nacionalidades, como o terreno público recebido onde se encontra a sua sede:

Foi a uma sociedade internacional, composta também de brasileiros, que a câmara concedeu um terreno para a construção de um clube. Esta concessão não seria feita a uma sociedade estrangeira por que a isto apunham-se as leis em vigor. Nem pode uma sociedade estrangeira, em vista da lei expressa, possuir botes de regatas e a capitania do porto, armada com a lei, fará com que o Clube de Regatas o seja nominalmente apenas, a não ser que a sociedade que entendeu dever nacionalizar-se encontre um brasileiro que preste o seu nome para registro de suas embarcações (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

Após a denúncia, novamente a questão do oportunismo dos teuto-brasileiros foi destacada no jornal, falando de pessoas, que para G.H., “só sabem ser alemães quando livres do serviço militar na Alemanha”. O jornalista da *Gazeta da Tarde*, então, justifica seu posicionamento contrário à germanização do clube, contrapondo-se àquilo que considera “sentimentos de ridícula patriotice”. Na sua percepção, era um insuspeito ao posicionar-se, já que é um brasileiro por nascimento e buscava servir a sua pátria buscando, na cultura alemã, as grandes lições da ciência. Ao mesmo tempo, afirmava com convicção sua origem germânica: “por índole e educação não posso enjeitar o tronco de que sai”, mas, novamente reafirmava a sua ideia contrária à germanização do Clube de Regatas, com os seguintes argumentos:

Se se tratasse de uma sociedade fundando-se alemã desde o seu início, nada se poderia dizer. Mas, germanizar uma associação que lutou muito para firmar-se e que para isso recebeu indistintamente os serviços de todos, é mais que uma ingratidão, é uma injustiça. O Brasil é um país onde o sentimento de cosmopolitismo impera. Nobre, generoso, ele abre os seus braços a todos. Por que feri-lo assim? Não são dignos de pertencer a este clube os que não

tiveram a ventura de nascer alemães? Qual o motivo?

Se ao menos os defensores dessa ideia justificassem a sua conduta, apresentassem uma razão bem fundada, talvez a gente se rendesse. Mas, não, por enquanto é apenas um capricho, o inspirador de tudo (*Gazeta da Tarde*, 31/08/1895, p. 4).

O artigo foi encerrado com a frase “mau, muito mau”, e o texto é concluído com a assinatura “G.H.”. Essa discussão, que estava repleta de variáveis, mas que tinha no esporte e na sua organização institucional o palco das discórdias, acabou ganhando cada vez mais espaço na imprensa porto-alegrense do final do século XIX. Dessa vez, o jornal *A Federação* tratou do assunto, frisando que “está no domínio público e tem despertado vivos comentários a deliberação da assembleia geral do *Club de Regatas*” (*A Federação*, 02/09/1895, p. 2), que lhe deu o caráter exclusivo de clube alemão.

A Federação, na edição de dois de setembro, buscou explicar o que chamou de “exclusivismo odioso”, classificando de “incidente ofensivo por um lado, e feio desvio da linha moral por outro” (*A Federação*, 02/09/1895, p. 2). O jornal, ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), confirmou a origem do clube aos imigrantes alemães e seus descendentes. Segundo ele, a agremiação foi fundada por “um grupo de rapazes da nossa melhor sociedade, de origem alemã” (*A Federação*, 02/09/1895, p. 2). Agregado a essa informação, o jornal depôs no sentido da importância alemã para o desenvolvimento esportivo em Porto Alegre. Haveria um interesse maior dos teuto-brasileiros nas atividades ligadas ao corpo, o que justificaria essa predominância étnica na fundação do clube:

E como os nacionais de procedência lusitana e de outras, comumente não se preparam, como os teutos, por uma proveitosa educação física, para certos gêneros de esporte, os fundadores do clube deram-lhe desde logo um caráter cosmopolita, mas admitindo o idioma alemão, familiar aos brasileiros de origem teutônica, para a confecção dos estatutos

com o fim de atrair europeus a agremiação esportiva (*A Federação*, 02/09/1895, p. 2)

O periódico ressaltou que, apesar do caráter internacional da associação, a grande maioria dos integrantes do Clube de Regatas eram brasileiros de origem germânica. De acordo com *A Federação*, o motivo do conflito e a atitude de elaborar uma nova regulamentação que tornou o clube “alemão” convergiam com o que havíamos constatado na *Gazeta da Tarde*: o descontentamento em relação ao artigo do estatuto que impedia a exposição política da entidade e, conseqüentemente, a congratulação do aniversário de Bismarck.

Cabe destacar que, novamente verificamos que brasileiros naturalizados e até mesmo teuto-brasileiros votaram pela germanização da sociedade. De forma mais contundente, *A Federação* também se posicionou contrária à atitude do Clube de Regatas, destacando como um ultraje a ação tomada: “Foi uma ofensa ao pundonor nacional o procedimento incorreto do Clube de Regatas, excluindo do seu grêmio compatriotas nossos, em terra nossa e em gozo de favores nossos, para germanizar-se egoisticamente, odiosamente!” (*A Federação*, 02/09/1895, p. 2).

No dia três de setembro de 1895, a *Gazeta da Tarde* novamente dedicou espaço nas suas páginas para essa discussão, exaltando a repercussão que o assunto tem tomado na sociedade porto-alegrense. No artigo, novamente assinado por G.H., foi abordado o risco de conflitos causados por essa atitude. Para G.H., o incidente do Clube de Regatas “está dando lugar a interpretações apaixonadas e já não falta por ai quem lhe dê um caráter de afronta nacional, meditando represálias violentas” (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3).

O jornalista da *Gazeta da Tarde* assumiu uma postura pacificadora, dizendo se sentir entristecido com as conseqüências das atitudes tomadas pela sociedade. Defendeu que não se deveria tomar a ação como uma afronta ao brio nacional, convicto de que “certos como podem estar todos de que não foi essa a intenção dos alemães quando resolveram nacionalizar o clube” (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3).

A argumentação de G.H., para que esta atitude fosse desprezada, seguia na linha de que essa foi uma conduta de indelicadeza, sem a intenção de afetar o orgulho nacional. Para ele “foi um ato de egoísmo e mais nada”. Tentou remediar e minimizar o conflito, destacando que os “brasileiros” não estavam impedidos de participar do clube, mas, sim, de votar na ocasião de suas decisões. Parece-nos que o papel de mediador do conflito, onde se colocou o próprio G.H., pendeu para a legalidade das atitudes dos sócios do Clube de Regatas, recorrentemente justificadas por ele, como no fragmento abaixo, mesmo com as devidas punições impostas:

Que os alemães tinham o direito de assim proceder ninguém o contesta e é isto uma das belezas das nossas instituições.

O que não é possível é modificar-se a lei e por isto eles não de perder o seu pavilhão e os botes que pertenciam a sociedade, coisas estas de que é dono o Clube Internacional de Regatas e não o Clube de Regatas Alemão (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3).

A militância se deu no sentido de que os botes do Clube de Regatas fossem recolhidos e a associação novamente refeita como “internacional”. Com isso, e com os botes que fossem adquiridos pelos “alemães”, disputas poderiam ser feitas entre “brasileiros” e “germânicos”. De acordo com a sua constatação, seriam grandes eventos, “teriam as proporções de acontecimento, haveria um estímulo para elas e um resultado prático – o desenvolvimento de um ‘sport’ que fortifica a mocidade”. Não é de estranhar que o seu incentivo ao esporte fosse mais longe, quando sublinhou que “temos uma juventude esplendida na Escola Militar e, no entanto, em vez de cuidar dos esportes, cuida da política” (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3).

Trata-se de uma clara valorização dos esportes e práticas corporais sobre as habilidades políticas dos jovens. Nesse momento, também houve uma comparação com o que estava acontecendo na capital brasileira, o Rio de Janeiro: “quantos velocipedistas há na escola. Talvez meia dúzia. Na do Rio há um clube de regatas e a estatística

das corridas marítimas acusou um grande saldo em favor da Praia Vermelha contra a Escola de Marinha” (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3).

O texto de G. H. incentivava que a disputa fosse feita no campo esportivo, não cabendo um caráter patriótico ao certame. Suas recomendações eram que se deveria ensaiar os alunos, exercitá-los no remo para, assim, desafiar o clube alemão, “voando sobre as águas nos seus botes impelidos pelos seus músculos valentes” (*Gazeta da Tarde*, 03/09/1895, p. 3). Esse tipo de embate, para ele, seria honrado, onde a indignação teria um resultado prático no cenário esportivo.

Parece que essa pressão por parte da imprensa, ou talvez a ameaça do recolhimento dos seus barcos, fez com que a decisão fosse reconsiderada. A *Federação* de quatro de setembro de 1895 anunciou, baseada em depoimentos de alguns “alemães”, que uma nova assembleia seria convocada e que o caráter germânico do Clube de Regatas seria revogado, assumindo uma postura internacional.

Essa reconsideração foi novamente pautada em sete de setembro de 1895, em *A Federação*. O periódico destacou que não foi em vão a campanha feita pela imprensa da capital gaúcha contra o que chamou de “ato irrefletido da germanização do Clube de Regatas”. Parece, realmente, que, devido à repercussão assumida pelo fato, a diretoria do clube resolveu tomar um novo rumo quanto à decisão, o que foi deliberado no dia anterior, conforme atesta o jornal:

Ontem, reunidos 37 sócios do clube, ficou deliberado convocar-se uma grande reunião de assembleia geral, afim de reconsiderar-se o ato.

Falaram vários oradores, todos afirmando inteira ausência de intuítos hostis a hospitaleira terra em que vivem cercados de completas garantias, trabalhando fecundamente para o seu bem estar.

É quase certo que o Clube de Regatas deixará de ser alemão, não para reassumir o seu caráter internacional, mas o de brasileiro-alemão (*A Federação*, 07/09/1895, p. 1)

De fato, não percebemos mais nenhum conflito dessa ordem nos periódicos. É de se constatar, no entanto, que, na capital do Rio Grande do Sul, existiam tensões de ordem étnica que envolvia os esportes. É inegável a participação e a importância dos alemães e seus descendentes no desenvolvimento esportivo de Porto Alegre. Se é fato que os germânicos cooperaram na construção dos clubes e dos esportes no sul do Brasil, também é importante salientar que ocorrências como essa relatada podem ter sido mais comuns do que temos notícia, se considerarmos a grande proporção de teuto-brasileiros entre os esportistas do Rio Grande do Sul no século XIX.

4. Considerações finais

Não temos dúvida da relevância da influência teuto-brasileira no desenvolvimento esportivo em Porto Alegre. Todavia, esta destacada dimensão percebida neste estudo pode ser o resultado do tipo de documentação utilizada que se insere em um determinado contexto histórico e social. Temos total consciência dos limites das fontes operadas. Estamos cientes que os periódicos explorados são incapazes de perceber toda a complexidade local daquele período, característica inerente a qualquer tipo de fonte que fosse investigada. No entanto, os dados obtidos e analisados neste trabalho são frutos das possibilidades e das características de um determinado tipo de informação, produzidos em um específico contexto e que não deixam de apresentar importantes constatações que não são as únicas, mas que fazem parte de um complexo quebra-cabeça que cabe, dentro das possibilidades, ao historiador remontar.

À vista disso, acreditamos que o desenvolvimento de regatas em Porto Alegre possa conter ainda mais peculiaridades que deverão ser investigadas. Certamente, com o acréscimo de novas fontes de diferentes perfis, a compreensão deste distinto processo será enriquecida. Este é um desafio que está posto e que, certamente, será enfrentado. O presente artigo não é um resultado final, mas o princípio de uma intensa jornada.

O que se percebe é que, os clubes de regatas de Porto Alegre tinham suas relações ligadas, em grande parte, à Alemanha, tanto que mantinham essa língua como predominante nas suas reuniões, da mesma forma como uma grande repercussão foi criada pela impossibilidade de homenagear Bismarck. O esporte era um fator de convergência da cultura d'além mar que em Porto Alegre se agregava a outras peculiaridades locais.

Ao mesmo tempo, a ampliação e a institucionalização das regatas estavam inseridos em um contexto mais amplo de modernização, de valorização da água e do corpo. Aspectos conjugados que na capital do Rio Grande do Sul se destacaram. Porto Alegre, uma capital fronteira, contava com presença marcante de imigrantes e descendentes de alemães na sua composição demográfica, os quais formavam a maior fatia entre os sócios dos clubes de remo, sendo, também, seus principais fundadores. Estes ditavam aspectos marcantes das suas fundações e desenvolvimentos.

NOTAS

¹ Debates conceituais problematizam a utilização do termo “rio” ou “lago” Guaíba, especialmente, no âmbito acadêmico. Todavia, são discussões que não tem relação direta com o tema aqui tratado. Optamos, portanto, por identificar o Guaíba como rio.

² Já que os jornais e revistas são nossas fontes principais, para análise/interpretação tivemos em conta as sugestões de Luca (2011). Os posicionamentos são tratados como representações prospectadas em sua materialidade.

³ O termo exposto, “útil e viril”, converge para alguns princípios esportivos amplamente divulgados e defendidos pela imprensa da época, como o *utile et dulce*, que tratava os esportes, ao mesmo tempo, como práticas agradáveis e úteis sob diversos aspectos. Esta premissa pode, também, ser verificada no decorrer da exposições das fontes utilizadas neste estudo. Para saber mais sobre a utilização e significado do termo, ver Melo, 2014.

⁴ “Nos anos finais do século XIX e iniciais do XX, o esporte tornou-se uma febre no Rio de Janeiro: já havia cerca de dez clubes bem organizados, federações estruturadas e competições frequentes, lotadas de público. Em outras cidades, o remo também se desenvolveu e se tornou popular. Mesmo com peculiaridades, pode-se afirmar que os sentidos e significados eram bastante aproximados aos observáveis na capital.” (Del Priori & Melo, 2009, p. 59).

⁵ Na historiografia produzida com referência às práticas de regatas em Porto Alegre, no século XIX, algumas contradições foram verificadas, se compararmos o que já foi elaborado sobre o assunto à documentação recolhida em jornais da época, que estão sendo analisados neste artigo. Em *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias* (Mazo, 2012), a relação de associações não confere com o que possuímos, cujas fontes são os periódicos. Para Mazo, no século XIX, na capital do Rio Grande do Sul, as associações relacionadas a regatas eram o Ruder Club (Clube de Remo), iniciando suas atividades em 21/11/1888 (p.63), que é destacado como o precursor no estado, e o Ruder Verein Germânia (Clube de Remo Germânia), fundado em 29/10/1892 (p.66). No entanto, a partir de um cruzamento de dados, apenas se ratifica a data de constituição do Ruder Club. Baseado na imprensa gaúcha do século XIX, uma primeira experiência com clubes de regata em Porto Alegre foi percebida em 1884, sendo a fundação do *Club de Regatas Porto-Alegrense* a quem caberia o status de pioneiro no associativismo de regatas. Essa informação não consta nos trabalhos de Mazo, assim como a data de fundação do Ruder Verein Germânia não confere como sendo em 1892. As fontes a que tivemos acesso identificam a data como sendo entre 13 e 14/7/1889. Na sua tese, Mazo (2003) já havia registrado os mesmos dados, assim como em outro trabalho publicado em 2010, dos quais divergimos aqui. Mantivemos, portanto, as informações verificadas nos periódicos.

⁶ A primeira diretoria eleita ficou composta pelos senhores: Ambrose Archer Júnior (presidente); João da Matta Coelho (tesoureiro); José de Araújo Vieira, Arthur New e Luiz Clementino da Silva, diretores. (A Federação, 11/06/1884, p. 3)

⁷ Germano Hasslocher era redator do jornal *Gazeta da Tarde*, filho de imigrantes alemães (fundadores da cidade de Santa Cruz do Sul, distante 150 km de Porto Alegre), foi personagem de destaque na capital gaúcha. Advogado formado pela Faculdade de Recife (depois de ter passado por São Paulo), ele foi vereador, deputado federal e um dos líderes políticos mais ativos do Partido Republicano Rio-Grandense, tendo atuação marcada por suas posições liberais, abolicionistas, federalistas, anticlericais e pela defesa da liberdade de expressão.

⁸ Temos a data de fundação desta agremiação publicada nos periódicos como sendo 21/11/1888 e não 1887, como consta no artigo da *Gazeta da Tarde*. Essa divergência pode ter acontecido devido a uma diferença entre o início das atividades e a sua inauguração oficial, ou, até mesmo, por um equívoco do jornalista.

⁹ Acreditamos que o jornalista deve estar se referindo a Guerra Franco-Germânica, que ocorreu entre 19 de julho de 1870 e 10 de maio de 1871. Esta foi uma vitória incontestável da Alemanha que marcou a unificação do país e a queda de Napoleão III e da monarquia francesa.

FONTES

A Federação. 1884. Porto Alegre, 11 Jun., p. 3.
 A Federação. 1885. Porto Alegre, 17 Out., p. 3.
 A Federação. 1885. Porto Alegre, 30 Out., p. 3.
 A Federação. 1885. Porto Alegre, 05 Dez., p. 3.
 A Federação. 1885. Porto Alegre, 07 Dez., p. 3.
 A Federação. 1889. Porto Alegre, 07 Jul., p. 3.
 A Federação. 1889. Porto Alegre, 15 Jul., p. 3.
 A Federação. 1895. Porto Alegre, 02 Set., p. 2.
 A Federação. 1895. Porto Alegre, 04 Set., p. 2.
 A Federação. 1895. Porto Alegre, 07 Set., p. 1.
 A Reforma. 1877. Porto Alegre, 17 Fev., p. 3.
 A Reforma. 1877. Porto Alegre, 18 Fev., p. 3.
 A Reforma. 1877. Porto Alegre, 20 Fev., p. 3.
 Gazeta da Tarde. 1895. Porto Alegre, 31 Ago., p. 4.
 Gazeta da Tarde. 1895. Porto Alegre, 03 Set., p. 3.
 Jornal do Commercio. 1877. Porto Alegre, 16 Fev., p. 2.
 Jornal do Commercio. 1877. Porto Alegre, 20 Fev., p. 2.
 Jornal do Commercio. 1877. Porto Alegre, 21 Fev., p. 2.
 O Conservador. 1888. Porto Alegre, 24 Nov., p. 2.
 O Conservador. 1888. Porto Alegre, 04 Dez., p. 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cruz, G. J. (1865). *Uma página memorável da história do reinado do senhor Dom Pedro II defensor perpétuo do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança.

Del Priore, M. & Melo, V. A. (Orgs.). (2009). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP.

Karls, C. E. (2017). *Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Luca, T. R. (2011). Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In Pinsky, C. B. *Fontes históricas* (3ª ed). São Paulo: Contexto.

Mauch, C. (1994). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da Ulbra.

Mazo, J. Z. (2012). *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: Feevale.

Mazo, J. Z. (2003). *Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. Tese Doutorado, Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Mazo, J. Z. et al. (2010). O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. *EFDeportes.com*, 15(150), *Revista Digital*. Disponível em [http://www.efdeportes.com/efd150/o-turfe-aspectos-historicos-de-uma-pratica-esportiva.htm]. Consultado [18-04-2018].

Melo, V. A. (2014). Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do império (1825-1851). *Projeto História*, 49, 197-236.

Pesavento, S. J. (1994). De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In C. Mauch. *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da Ulbra.

Pinsky, C. B. (2011). *Fontes históricas* (3ª ed). São Paulo: Contexto.

Roche, J. (1969). *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Porto Alegre.

Seyferth, G. 1994. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In C. Mauch. *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da Ulbra.